

C A R T I L H A

ANTIRRACISMO

CEN/UNB



REALIZAÇÃO



UnB | CEN
Departamento de Artes Cênicas

APOIO



UnB | IDA
Instituto de Artes



Cometa
Cenas

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C327 Cartilha antirracismo CEN/UNB / Organizadoras Profa. Cyntia Carla.
– Brasília, DF: Ed. do Autor, 2024.
24 p. : il.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5278-023-2

DOI 10.70271/241114.1049

1. Racismo – Brasil. 2. Antirracismo. 3. Brasil – Relações raciais.
I. Carla, Cyntia. II. Rodrigues, Giselle. III. Dias, Luciana. IV. Soares,
Glau. V. Scherdien, Ava.

CDD 305.8

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



SUMÁRIO



1 – Afinal, o que é racismo?

1.1 Diferenças entre: racismo, preconceito e discriminação?

1.2 Vish! E quando “acumula” as formas de opressões?



2 – Formas de racismo.

2.1 Racismo Individual

2.2. Racismo Estrutural

2.3 Racismo Institucional

2.4 Racismo Recreativo



3 – Letramento racial.

3.1 Branquitude

3.2 Comportamentos racistas



4 – O que faço quando sofro ou presencio uma situação de racismo?



5 – Na Lei

Referências bibliográficas



Outras Referências



CARTILHA ANTIRRACISTA UNB

A cartilha do CEN/UnB tá na área pra começar a dar um basta no racismo na universidade e começar a dar um play numa educação antirracista. Ela quer quebrar estereótipos e aquela história chata, atrasada e misógina de superioridade racial. A parada é valorizar a diversidade e dar umas dicas práticas pra botar equidade racial no meio acadêmico.

A cartilha apresenta desafios, que ainda enfrentamos aqui dentro, tipo racismo, misoginia, LGBTQIfóbicoAP, e elitismo. Ela joga a real sobre a necessidade de combater esses estereótipos negativos que ainda estão firmes em nossa comunidade acadêmica e em nossa sociedade.

E olha, a cartilha não enrola: mostra que o racismo é gritante, e que a mídia mostra aqueles casos mais explícitos, que são mais comuns de vermos no jornal, nas redes sociais e na TV. Tem também uns jeitos mais escondidos, tipo “racismos mascarados”, mas que prejudicam tanto quanto ou até mais do que os mais explícitos, pois silencia as pessoas a ponto dessas entrarem em sofrimentos mentais. Pra dar um jeito nisso, elaboramos uma cartilha Antirracista! Ela joga luz no letramento racial, querendo que a galera reflita sobre essas questões. E claro, ela é tipo a primeira página do livro do letramento racial no departamento, chamando você e geral para refletir e agir sobre o racismo, que reproduz e reforça a supremacia branca todos os dias. Nós podemos começar a criar uma universidade onde todas as pessoas sejam respeitadas, e tenham ações antirracistas de fato.

Bora nessa!

1. AFINAL, O QUE É RACISMO?

1.1) Diferenças entre: racismo, preconceito e discriminação?

Muito se fala sobre racismo, preconceito e discriminação racial, e muitas vezes ficamos naquele estado de confusão mental. **O que é realmente cada coisa?! Quais as diferenças entre racismo, preconceito e discriminação racial?!** A gente está aqui pra entender melhor o que realmente é cada uma delas.

Racismo



Racismo é quando as pessoas tratam umas às outras de forma injusta só por causa da cor da pele. É achar que uma raça é melhor que outra, o que é super atrasado e errado. Isso pode rolar de várias formas, desde agressões físicas até excluir alguém só por causa da cor e fenótipos raciais. O maior problema quando falamos de racismo no Brasil, é o fato dele ser na maioria das vezes velado (escondido). Pessoas racistas não assumem que são racistas, então muitas pessoas podem estar praticando atos racistas, sem achar que aquilo realmente é racismo, mas quando você vai olhar mais a fundo o porquê daqueles comportamentos de agressão, vem aquele pensamento: “Será que se fosse uma pessoa branca isso estaria acontecendo?” Aí conseguimos identificar que na verdade, os motivos são sim pela cor da pele e características físicas. Mas vamos conversar melhor sobre isso nos tópicos sobre tipos de racismo. O racismo mexe com a vida das pessoas de muitas maneiras, na saúde, na faculdade, no mercado de trabalho, na segurança, ou seja na estrutura social.



Preconceito

Já o preconceito é quando a galera tira conclusões sobre alguém antes mesmo de a conhecer de verdade, literalmente um “pré” conceito. É tipo julgar sem motivo, seja por causa da cor, orientação sexual, gênero, religião, classe social... É uma ideia preconcebida que desvaloriza as pessoas, sem parar pra pensar direito, só na base de argumentos fracos e pouquíssimos questionados.

Discriminação Racial

E pra fechar, discriminação racial é quando alguém faz algo que prejudica outra pessoa ou grupo só por causa da cor, religião, orientação sexual, essas paradas. Pode ser desde negar coisas básicas até chegar na violência física. Se liga, segundo o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, isso é totalmente contra os direitos humanos e a gente precisa enfrentar essa parada de todas as formas. É tipo quando rola um tratamento diferente só por causa da cor ou da origem, criando regras, mesmo que disfarçadas, que afastam um grupo específico de pessoas.



1.2) Vish! E quando acumula as formas de opressões?

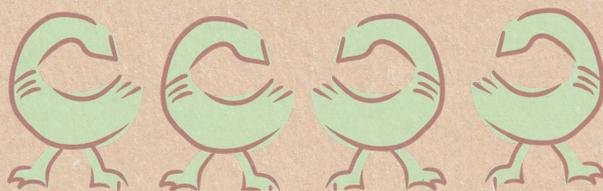
Agora que você entendeu as diferenças e semelhanças entre essas três definições e formas de disseminar opressões, talvez você já possa estar se perguntando: “E quando essas formas se misturam? E quando rola preconceito junto com racismo? Como fica tudo isso com os recortes?!” Tem sim muuuito mais camadas e recortes nisso tudo! E quem explica um pouco disso pra gente é a Kimberlé Williams Crenshaw, defensora de direitos civis norteamericana.



Ela é uma das principais estudiosas da teoria crítica da raça e professora em tempo integral na Faculdade de Direito da UCLA e na Columbia Law School, onde se especializa em questões de raça e gênero (2002, p.171).

Em 1991, Crenshaw soltou o termo “interseccionalidade” para entender como as identidades se entrelaçam e se misturam, tipo uma salada de questões sociais como raça, gênero, classe, e por aí vai. No caso das mulheres negras, elas sofrem injustiças dos dois lados: por serem negras e mulheres. É um combo de desigualdades que só dá pra entender quando você olha para as duas questões juntas e como elas se entrelaçam.

Então, a parada é que as experiências de grupos que são considerados minorias em relação à raça não podem ser analisadas isoladamente. A gente precisa olhar pro “cruzamento” dessas diferentes formas de opressão, porque é ali que nascem formas específicas de discriminação que não dá pra entender só olhando partes separadas. É tipo entender o jogo completo, sacou?



2. TIPOS DE RACISMO

Aqui neste guia, a gente tá dividindo os tipos de racismo para entender melhor como cada um rola. Mas, saca só, é importante lembrar que essas categorias podem se misturar. **E, não tem essa de um ser “menos pior que o outro”. Todos são problemáticos, e quem pratica tem responsabilidade, sem mais.** Resumindo, queremos entender os detalhes, mas sem minimizar a gravidade de cada tipo de racismo.

2.1) *Racismo individual*

O racismo individual é quando alguém solta diretamente, na lata mesmo, discriminação pra cima de uma pessoa. Tipo, são aquelas situações bem nítidas, com insultos, ofensas racistas e rejeições baseadas na aparência de alguém que o agressor considera inferior por causa da etnia. É o racismo que a gente percebe mais fácil, “à queima roupa” incluindo aquelas expressões e ditados racistas que a galera infelizmente ainda solta por aí.

Exemplo: **Nega Maluca**



2.2) *Racismo Institucional*

O racismo institucional rola quando as regras e esquemas na universidade, no trabalho complicam a vida de pessoas negras favorecendo pessoas brancas. Não é só questão de grana, é também a vibe (narrativa) que fortalece a ideia de que só gente branca é qualificada para determinadas áreas, essas ficam nos lugares tops (de liderança e poder) da sociedade.



Às vezes, isso é tão CLARO, que percebemos escancaradamente a falta de diversidade nas instituições de estudo e de trabalho. Outro lance é essa ideia de meritocracia, que na real não leva em conta o contexto da pessoa como; onde estudou, acesso à internet, saúde, essas paradas. A “competência” que cobram muitas vezes é ligada a entender os códigos da cultura organizacional, coisa que quem é discriminado tem mais dificuldade de pegar, e muitas vezes, mesmo conseguindo compreender e acessar melhor esses códigos, ainda não se “encaixa no perfil”, por não estar nos padrões físicos, ou seja o padrão eurocentrado branco, indiretamente impostos.



2.3) *Racismo Estrutural*



Racismo estrutural é tipo o DNA da sociedade, está presente em tudo: política, economia, até relações familiares. Segundo Silvio de Almeida (2019), não é uma coisa fora do esquema normal da sociedade, é parte da estrutura “normal”. Isso quer dizer que o racismo não é visto como um erro, e sim como as coisas são.

O racismo está enraizado nas relações diárias e institucionais. E não isenta ninguém, pede uma resposta ampla, não tirando a culpa individual, mas também cobrando mudanças nos sistemas que criam desigualdades. É hora de entender como o racismo surgiu e se mantém, e pensar em maneiras de mudar nós mesmos e os nossos comportamentos “racistas automáticos”, como: mudar de rua quando vê uma pessoa negra, enxergar pessoas negras automaticamente como funcionárias de um espaço, inimizades e antipatias sem fundamento com pessoas negras... e também mudar as estruturas já existentes, como: ocupações majoritariamente brancas em espaços elitistas, de política, liderança, tomada de decisões, e até mesmo espaços de protagonismo em novelas, histórias e lugares de entretenimento...

2.4) Racismo Recreativo

O racismo recreativo é um discurso de ódio disfarçado de piadas e estereótipos, que acaba permitindo que algumas pessoas brancas se vejam de boa, tipo “eu não sou racista”. É basicamente um jeito cultural de espalhar racismo, mas ao mesmo tempo, faz parecer que o racismo, “nem é tão sério assim”. Adilson Moreira (2019) chama isso de “humor racista” e diz que isso não é só piada, tem um papel sério em manter a opressão racial, já que os estereótipos nas piadas racistas são os mesmos que bloqueiam oportunidades profissionais e acadêmicas. Então, é importante ligar o radar nesse tipo de “humor” e não dar risada desse tipo de opressão.



3. LETRAMENTO RACIAL

O letramento racial é um guia prático que nos faz repensar e aprender sobre questões raciais, desconstruindo ideias consideradas normais sobre pessoas negras, brancas, indígenas e outros grupos. **É como abrir os olhos para entender como as relações raciais moldam e são moldadas pelo mundo.** Mas atenção, não basta apenas ler livros sobre antirracismo, ouvir podcasts, assistir programas sobre justiça social ou seguir pessoas engajadas. Isso é relevante, mas vai além do intelectual, é um compromisso de agir verdadeiramente. **É um trabalho que mexe com nossa visão de mundo, com a forma como lidamos com a diversidade e com nosso ego, porque você tem que ser autocrítico e aceitar seus erros e racismos que ainda perpetuam.** Devemos estar sempre prontos para mudar nossos comportamentos, especialmente se temos privilégios brancos, entender que somos racistas sim e precisamos mudar isso, e começar a entender de fato, como nossos comportamentos racistas impactam na vida de pessoas não brancas.

Não é um passo a passo, mas exemplos e referências que podem abrir caminhos para lidar de maneira sensível e responsável com problemas complexos como o racismo. O letramento racial destaca a necessidade de evitar reproduzir comportamentos e situações racistas, exigindo familiaridade com expressões, conceitos e comportamentos relacionados a essa questão. Vamos nessa entender esse sistema de combate?



3.1) Branquitude

Branquitude é a identidade racial branca em sociedades marcadas pelo racismo, dando vantagens e poder aos brancos. Não é só sobre cor de pele, mas sobre os acessos sociais que isso proporciona, como explica Bárbara Carine Soares Pinheiro (2023). É uma parada social, não somente individual. No Brasil, é mais pela aparência do que pela genética. É um ponto de vista que precisa ser questionado.

3.2) Privilégio branco

O privilégio branco, segundo Layla F. Saad (2020), é tipo um “mimo” que as pessoas brancas ganham sem merecer, só porque são vistas como brancas. Ou seja, a vida delas não é afetada pela cor da pele no dia a dia. Isso tudo está grudadinho na ideia da supremacia branca, uma visão de mundo que sempre tratou a branquitude como superior, e isso acaba influenciando em tudo, desde política até cultura e economia. Como diz BENTO (2022), isso garante uns benefícios para um grupo e condições bem ruins para outros. É uma parada que temos que ficar bastante de olho e atento, e conseguir “hackear” esses “mimos” que pessoas brancas recebem, redistribuir e beneficiar pessoas não brancas também.

3.3) Excepcionalidade branca

Aquela ideia de que, só porque você leu umas coisinhas sobre antirracismo, já sabe tudo e não precisa ir mais fundo. Fica de olho na “excepcionalidade branca” quando pensa coisas tipo: “Eu não faço isso”, “Isso não vale pra mim” ou “Eu jamais teria esse pensamento” (SAAD, 2020). Precisamos ficar atentos com esses comportamentos, até porque entendemos até aqui já, que o racismo não é algo simples, então estar apto a ouvir pessoas não brancas e suas perspectivas é algo que tem que acontecer constantemente.

3.4) *Daltonismo racial*

É a ideia de “não ver cor”, de não notar diferenças de raça. Ou, se notar, tratar todas as pessoas de forma igual, sem oprimir com base nessas diferenças. Explicar que não é “literalmente não ver cores”, mas sim tratar as pessoas da mesma maneira, independentemente da cor, é o famoso “daltonismo racial”. Segundo a psicóloga Lia Vainer Schucman (2014), para começar a entender sobre racismo, se você é uma pessoa branca, primeiro tem que reconhecer a branquitude e os privilégios que isso traz numa sociedade racista. Tipo, admitir que, por exemplo, é mais fácil pra pessoa branca conseguir emprego, que crianças brancas geralmente são tratadas melhor na escola e por aí vai.

Outro ponto é entender que o racismo não é coisa do passado. Ele tá por aí todo dia, desde atitudes individuais até comportamentos sociais que a gente acha “normal”, mas que sustentam o domínio branco. E o racismo não é algo com que a gente nasce, mas aprende por influência do racismo que já está entranhado no sistema. Além disso, é preciso reconhecer que nosso vocabulário está cheio de expressões racistas. A gente precisa conhecer essas palavras para não reproduzir elas sem querer ou até de propósito como por exemplo;

- Criado mudo

- A coisa tá preta!

- Cor do pecado

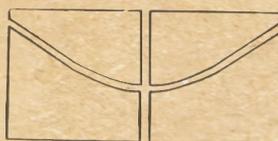
- Inveja branca

- Denegrir



Essas são apenas algumas entre outras expressões e ditados normalizados na nossa cultura, mas que são bem violentos e carregam conotações racistas com isso.

*Mais expressões racistas acesse a cartilha-[Discriminação-Racial-UNINORTE.pdf](#)

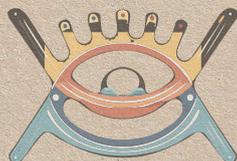


diga
não
ao
RACISMO



4. O QUE FAÇO QUANDO SOFRO OU PRESENCIO UMA SITUAÇÃO DE RACISMO

- **Denuncie publicamente**, se estiver em sala de aula;
- **Ouçã e acate as percepções e questionamento da vítima.**
ATENÇÃO: é muito comum, pelo fato do racismo no Brasil ser bem mais velado, ocorrer um silenciamento ou relativismo dos questionamentos da vítima, inclusive isso é um fator determinante que faz com que vários casos não vão para frente, ou demore para realmente ser compreendidos!
- **Converse com o(a) professor(a);**
- Caso a situação refira-se a um professor ou professora, **recorra à coordenação ou à chefia do Departamento** e faça sua denúncia;
- Caso a situação envolva pessoas relacionadas à coordenação ou chefia, **recorra à Direção do IDA e a ouvidoria da UnB;**
- Se a violência foi feita por e-mail - **imprima e leve até a instituição onde ocorreu a violência;**
- **Junte Provas e testemunhas;**
- **Comunique o ocorrido à instituição**, de preferência por escrito, e exija a resposta por escrito também;
- **Abra uma denúncia na ouvidoria contra quem cometeu a violência;**
- **Disque 190, ou vá pessoalmente até uma delegacia.**



Fique ligado nas Leis!

Lei do Racismo

A Lei 7.716/89 tá aí pra punir qualquer tipo de discriminação, seja por origem, raça, sexo, cor, idade. Imagina não deixar alguém assumir um cargo por causa de preconceito? Isso é ilegal, e a pena é de 2 a 5 anos de reclusão. Já o crime de racismo, quando atinge toda coletividade, é crime também, tá na lei!

Injúria Racial

Olha só, se alguém ofender uma pessoa ESPECÍFICA por causa de cor ou raça, isso é injúria racial, tá? Fica esperto! A **lei 14.532/23** equipara essa conduta ao racismo.

Leis Importantes:

- **Lei No 11.645/2008:** Inclui na educação a temática “História e Cultura Afro-Brasileira”.
- **Resolução 01/2004 CNE:** Diretrizes para o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.
- **Lei No 10.639/2003:** Inclui no currículo oficial a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”.
- **Lei No 7.716/1989:** Define crimes resultantes de preconceito de raça ou cor.
- **Lei No 14.532/2023:** Tipifica a injúria racial como crime de racismo e pune racismo religioso e recreativo.
- **Lei No 12.288/2010:** Reconhece e aborda desigualdades raciais.
- **Lei No 6.001/1973:** Regula a situação jurídica dos índios, preservando sua cultura.



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. O que é Racismo estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BENTO, Cida. O pacto da branquitude. 1ªed, São Paulo, Companhia das Letras,2022.

FARIAS, Thaíse Mendes; SERRALTA, Fernanda Barcellos. Microagressões. Laboratório de Estudos em Psicoterapia e Psicopatologia – LAEPSI.

GAMA, Priscila; LORIANO, Luana. Cartilha “Educação Antirracista”. 1. ed. Vitória (Espírito Santo): Laboratório de Inovação e Tecnologia Social Das Pretas, 2023.

PINHEIROS, Barbara Carine Soares. Como ser um educador antirracista. São Paulo, Planeta do Brasil, 2023.

SAAD, Layla F. Eu e a supremacia branca: como reconhecer seu privilégio, combater o racismo e mudar o mundo. Trad. Petê Rissatti, 1ªed. - Rio de Janeiro, Rocco, 2020.

SCHUCMAN, Lia Vainer, IRAPITANGA(org). Branquitude: diálogos sobre racismo e antirracismo. 1ªed. São Paulo: Fósforo, 2023.

Site- Guide to Allyship – fornece explicação clara e simples sobre como realmente é o apoio de verdade

Suplemento didático da linha do tempo dos povos africanos -
<https://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/publicacoes-do-ipeafro/suplementodidatico/>
ACERVO DIGITAL [https://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/publicacoes-doipeafro/ biografia-abdias-nascimento/](https://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/publicacoes-doipeafro/biografia-abdias-nascimento/)

BIOGRAFIAS DE MULHERES AFRICANAS - <https://www.ufrgs.br/africanas/>
Brasília, 07 de março de 2024.



OUTRAS REFERÊNCIAS

ADINKRA

Os Adinkras consistem em um conjunto de símbolos que representam ideias expressas em provérbios que fazem parte da cultura Ashanti, um importante grupo étnico de Gana, seu local de origem. São representados em formas geométricas estilizadas, quais incluem aspectos da vida vegetal, do corpo humano, elementos geométricos e abstratos, além de aspectos astronômicos.

(Academia Brasileira de Arte)



PADRÕES AFRICANOS



**ILUSTRAÇÕES
NEGRAS**



SAY

NO

TO

Racism

**CAMPANHAS MUNDIAIS
(EM TIPOGRAFIA)**

COMISSÃO DE ELABORAÇÃO DA CARTILHA:

Prof^a **Cyntia Carla**

Prof^a **Giselle Rodrigues**

Prof^a **Luciana Dias**

Glau Soares - Estudante graduação (licenciatura)

Ava Scherdien - Estudante da pós-graduação (PPGCEN)

COLABORADORES NA ELABORAÇÃO DA CARTILHA:

Mel Colonna - Estudante de graduação da FAC

Prof. **Alisson Araújo**

Prof^a **Alice Stefânia**

Prof. **Érico Souza**

Prof. **José Jackson Silva**

Téc. **Eduardo Garcia** - Diagramação

Lauanda Mariane (Batmangai) - Ilustração

Isadora Júlia - Divulgação



